



**Entrevista exclusiva concedida por escrito pelo Presidente da República,
Luiz Inácio Lula da Silva, à revista Performance Líder**

Publicada em 31 de dezembro de 2010

Jornalista: Como era o Lula de 2002, em seu primeiro mandato, e o Lula de hoje?

Presidente Lula: Talvez a mudança mais significativa tenha sido em relação à experiência que eu tinha quando assumi e a que acumulei depois de oito anos na Presidência. Quando fui eleito, eu tinha sonhos, mas também muita preocupação em relação às possibilidades de concretizar, dada a quantidade de problemas acumulados e considerando o peso das forças do atraso. Eu tinha para mim que, apesar das dificuldades imensas que ia enfrentar, não podia fracassar de jeito nenhum. Qualquer governante da elite pode errar à vontade e até exagerar no direito de cometer erros. Agora, se eu, um operário, um retirante da seca, não desse conta do recado, meu Deus do Céu, ia cair o mundo. Eu não seria o único a ser punido. Jamais diria que ficou provado que um homem do povo jamais teria condições de governar. E com isso todo cidadão da classe trabalhadora estaria excluído da possibilidade de vir a governar o Brasil por décadas. O dado concreto é que se antes eu enxergava pela frente um enorme desafio, hoje sinto que passei pela prova e que vou entregar o país em condições infinitamente melhores do que as que recebi. E minha felicidade é maior ainda porque vou passar o bastão para uma representante de outro segmento – o das mulheres – que nunca havia governado o nosso País.

Jornalista: Como o senhor vê o crescente interesse das potências estrangeiras, em especial os norte-americanos e ingleses, no Brasil?



Presidente Lula: Esse fenômeno me parece natural. A economia brasileira dá sinais claros de solidez. Antigamente se dizia no Brasil que era preciso crescer primeiro para depois distribuir. Nos invertemos essa equação. Fizemos da distribuição de riqueza um elemento essencial do crescimento da nossa economia. No Brasil, atualmente, as pessoas sentem que existem oportunidades para melhorar de vida, de que amanhã podem estar em melhores condições do que hoje. Elas sabem que isso pode acontecer, porque nos oito anos do nosso governo criamos mais de 15 milhões de empregos formais, 27 milhões de brasileiros saíram da condição de pobreza e 37 milhões ascenderam socialmente. Isso nos torna um mercado muito atrativo para os nossos parceiros. Temos também outros ativos fundamentais, como instituições democráticas consolidadas, além da nossa biodiversidade e dos recursos energéticos, como os do pré-sal, que despertam muito interesses no exterior. Nos próximos anos, vamos realizar pelo menos três eventos esportivos de grande visibilidade como a Copa das Confederações de 2013, a Copa do Mundo de 2014 e a Olimpíada de 2016, que vão ampliar esse interesse renovado pelo Brasil.

Jornalista: O Brasil hoje é visto internacionalmente como uma grande potência econômica, passando a ser considerada uma das principais nações do mundo. A que se deve este reposicionamento internacional? E em termos de diplomacia internacional, quais foram as suas maiores vitórias na Presidência?

Presidente Lula: De fato, nos últimos anos temos colhido uma safra de boas notícias. Tudo é fruto do trabalho duro dos brasileiros e do acerto das nossas políticas. Diferentemente do passado, pudemos realizar essa transformação mantendo o equilíbrio macroeconômico e reduzindo consideravelmente nossa vulnerabilidade externa. Triplicamos e diversificamos nossas exportações. Deixamos de ser eternos devedores para nos transformarmos em credores



internacionais. No passado, muitos de nós gritávamos nas ruas do Brasil “Fora FMI”. Hoje emprestamos 14 bilhões de dólares ao Fundo para que ajude, sem as duras condições de outros tempos, os países pobres e em desenvolvimento. A redução de nossa vulnerabilidade externa, nosso equilíbrio macroeconômico, mas, sobretudo, a diversificação de nosso comércio exterior e a formação de um enorme mercado interno de bens de consumo contribuem para colocar o Brasil em um novo patamar no cenário internacional. Quanta diferença de outros tempos, quando as crises do México, da Ásia e da Rússia nos levaram à beira do abismo! Adotamos uma política externa mais afirmativa, que investiu na nossa relação com a América Latina, África e Ásia, sem ignorar nossos laços tradicionais com a Europa e os Estados Unidos. Esse conjunto de medidas nos permitiu enfrentar e superar a crise econômica mundial sem sobressaltos. Penso, no entanto, que o mais importante foi a realização de toda esta grande transformação econômica e social, preservando e aprofundando nossa democracia. É evidente que em um mundo dominado pela incerteza, pela desigualdade e pelas tentações autoritárias a experiência brasileira não poderia passar despercebida.

Jornalista: Com relação ao desenvolvimento e integração dos BRICs, quais os riscos e oportunidades para o Brasil?

Presidente Lula: O grupo BRIC (Brasil, Rússia, Índia e China) nasceu há dez anos como uma sigla que sinaliza o início de profundas mudanças no mundo que conhecemos. Essas mudanças começam com o fato de que o grupo já representa 15% do PIB mundial. Se o desempenho que esses países tiveram ao longo da última década continuar, o BRIC formará, em 2050, o mais poderoso bloco da economia global, superando o peso somado de Alemanha, Estados Unidos, França, Itália, Japão e Reino Unido. Afinal, esse grupo aglutina países onde tudo se dá em grande escala e tudo apresenta enorme



potencial. Representamos quase metade da população mundial, 25% das área terrestre do planeta e contamos com recursos naturais abundantes. Apostamos numa articulação diplomática criativa e pragmática, que demonstrou nosso compromisso com o enfrentamento de desafios globais como a crise financeira, com a segurança alimentar e com a produção de energia num contexto marcado pelas ameaças de mudança climática. Queremos investir na cooperação em matéria de ciência e educação entre países que apostam na revolução do conhecimento. Também é grande o potencial para cooperação em áreas de tecnologia avançada. No plano comercial, nossas exportações para Rússia, Índia e China, somadas, passaram de US\$ 5 bilhões para US\$ 24 bilhões entre 2002 e 2009, um crescimento de nada menos que 380%.

Jornalista: Em quais aspectos o Programa Bolsa Família pode ser aprimorado?

Presidente Lula: O Programa Bolsa Família pode ser aperfeiçoado sob diversos aspectos. Ainda em 2010 entrará em operação o novo aplicativo e o novo formulário do Cadastro Único, que permite caracterizar melhor as situações de pobreza e conhecer mais o público alvo do Bolsa Família. Também merece destaque o início da operação do Sistema de Gestão do Programa Bolsa Família (SigPBF), que vai permitir maior integração aos diversos sistemas operacionais que dão suporte à gestão do Programa. Outra frente de aprimoramento do Bolsa Família se refere ao acompanhamento do que é exigido em relação à educação e à saúde. Hoje, cerca de 90% das crianças entre 6 e 15 anos e 80% dos adolescentes entre 16 e 17 anos têm a frequência escolar acompanhada. O Ministério do Desenvolvimento Social e o Ministério da Educação têm feito esforços para que esses percentuais, já altos, continuem aumentando. Entre outras vantagens, isso vai representar muito mais chances de crianças e jovens entrarem no mercado de trabalho em



condições muito melhores que as que seus pais enfrentaram. O mesmo acontece na área de saúde, em que o acompanhamento dos compromissos das famílias aumenta ano a ano. Finalmente, também é importante o estabelecimento de regras para o reajuste periódico dos benefícios.

Jornalista: Na sua visão, o que o Brasil pode ensinar aos demais países?

Presidente Lula: O Brasil não tem a pretensão de ser melhor que os outros, mesmo porque, apesar do muito que caminhamos, ainda há uma longa estrada pela frente. Afinal, o abandono e os problemas acumulados eram muito grandes. Nós podemos levar a outros países, sobretudo para os que convivem com situações de miséria e de fome, a experiência dos nossos programas sociais bem-sucedidos, como é o caso do Bolsa Família, sobre o qual estávamos falando. Estamos não só oferecendo o peixe, uma medida emergencial, como ensinando a pescar. Criamos o programa Próximo Passo, que se constitui num programa de capacitação em algumas áreas, como construção civil e turismo, para que os beneficiários do Bolsa Família tenham condições de caminhar com as próprias pernas e possam abrir mão dos benefícios. Esse programa, não só contribuiu para retirar da situação de miserabilidade um enorme contingente de pessoas, como tornou-se também uma mola para o crescimento. Quem recebe os benefícios, consome imediatamente. O dinheiro volta a ser injetado na economia – os que recebem compram do comércio, que tem de se reabastecer, demandando de vários outros setores, produzindo uma onda que permeia toda a economia. Os programas sociais e seus desdobramentos na economia, ao lado da valorização dos salários, principalmente do salário mínimo, produziram milhões de novos consumidores, que estão fortalecendo como nunca o nosso mercado interno e, portanto, toda a economia. Essa experiência pode ajudar muito os



países mais pobres e que ainda convivem com contingentes expressivos da população em situação de miséria crônica.

Jornalista: O Presidente Lula do 2º mandato incentivou o empreendedorismo, ampliando linhas de financiamento e simplificando a burocracia que atrapalha o pequeno e micro empresário. Com essas iniciativas o senhor considera que está nascendo uma nova geração de potenciais grandes empresários? Como vê esse segmento?

Presidente Lula: As micro e pequenas empresas (MPEs) são muito importantes para a economia e a sociedade brasileira. Elas representam 25% do Produto Interno Bruto e cerca de 99% dos negócios realizados. São ainda responsáveis por 16,5 milhões de empregos formais, o que representa 37,8% do total no País. Se for considerado apenas o setor privado, os empregados com carteira assinada das micro e pequenas são nada menos que 47,4% do total, ou seja, quase a metade. As MPEs constituem o segmento econômico ideal para o surgimento de grandes empreendedores e o governo federal está fazendo tudo o que está ao seu alcance para auxiliar no nascimento de uma nova geração de empresários brasileiros de sucesso. Todas as ações promovidas no meu governo para o segmento das MPEs tiveram como objetivo a formação de uma "Cultura do Empreendedorismo Formal". Criamos o Empreendedor Individual (EI), em julho de 2009. Hoje, mais de 760 mil empreendedores brasileiros já se formalizaram por meio deste programa, em cerca de 460 atividades econômicas. Outra ação de incentivo ao desenvolvimento das MPEs é a instituição de linhas de crédito e financiamento. Nós temos também procurado sensibilizar os Estados e Municípios para regulamentarem a Lei Geral das MPEs. Até agora, dos 5.566 municípios brasileiros, 2.373 (42,64% do total) já aderiram a essa legislação. Diante desse



cenário, estou muito otimista com a consolidação dos diversos segmentos das MPEs na agenda social e econômica do País.

Jornalista: O que o Senhor aconselha aos jovens para se prepararem para um Brasil internacional?

Presidente Lula: Eu acho que nossos jovens têm que se preparar para um Brasil cada vez mais integrado no contexto mundial. Desde 2003, nós vimos diversificando mais e mais os nossos parceiros comerciais, acabando com a dependência excessiva de um ou outro grande comprador dos nossos produtos. Se um desses países entra em crise, nós sofremos os efeitos imediatamente. Como eu já disse, nós não abrimos mão dos parceiros tradicionais – de 2003 para 2008, a corrente de comércio com os Estados Unidos subiu 100,3% e com a União Europeia, 159%. Se as transações comerciais com esses parceiros tiveram ótimos índices de crescimento, com várias outras regiões os aumentos foram excepcionais. De 2003 para 2008, nosso comércio com o Oriente Médio cresceu 322%, com a América Latina e o Caribe, 342%, com a Ásia, excluindo o Oriente Médio, 410%, e com países da África, nada menos que 421%. Em 2009, houve uma queda forte no comércio internacional, devido à retração dos mercados provocada pela crise financeira. Mas agora, em 2010, já está havendo um processo de franca recuperação. Estamos descentralizando, nos abrindo para o mundo, e descortinando novos horizontes para a juventude. Para dar conta da vigorosa inserção do Brasil no mundo, diversas áreas já estão necessitando do preparo e da contribuição dos jovens. Eles devem se capacitar, por exemplo, no campo dos idiomas, do conhecimento da história e da cultura dos novos países com os quais o Brasil intensifica seu comércio, no conhecimento profundo do Brasil, que precisa se tornar conhecido lá fora, no campo das várias áreas do conhecimento que são exigidas pelas empresas que crescem ao transacionar com o resto do mundo.



Jornalista: Sobre a educação, quais foram os principais avanços do Brasil em seu mandato, e onde ainda devemos avançar?

Presidente Lula: Nossa dívida com a Educação era imensa. É por isso que nós investimos como nunca e ainda temos um grande débito com a nossa infância e com a nossa juventude. Para se ter uma idéia, o Brasil foi o terceiro país que mais melhorou sua média entre 2000 e 2009, de acordo com o Programa Internacional de Avaliação de Alunos (Pisa). Foi também o único país participante do Programa que fixou uma meta – de obter 395 pontos – e não só cumpriu como ultrapassou, obtendo 401 pontos. Mesmo com essa arrancada, nós ocupamos a 53ª colocação no *ranking* mundial, que avaliou 64 países. Ou seja, estamos fazendo o dever de casa, mas ainda temos muito que avançar. Dentre os fatores que contribuíram para a ampliação e o aprimoramento das políticas públicas de educação no país, destaco o aumento do orçamento do MEC e do FNDE, que mais do que triplicou: foi de R\$ 19 bilhões em 2003 para R\$ 65 bilhões em 2010. A obrigatoriedade do ensino é outro destaque. Com a implantação do ensino fundamental de 9 anos, as crianças, agora, começam a estudar mais cedo. Foi aprovada, também, a emenda constitucional que amplia o ensino obrigatório e gratuito a todas as etapas da educação básica, dos quatro aos 17 anos de idade. Desde 2005, criamos 214 novas escolas técnicas. Até então existiam apenas 140 em todo o país. Em relação ao ensino universitário, criamos 14 novas universidades e 126 novas extensões universitárias em cidades do interior do Brasil. Hoje, as universidades federais estão presentes em 230 municípios das 27 unidades federativas. A valorização dos professores da educação básica começou com a instituição, por dispositivo constitucional, do piso salarial nacional. Os professores, diretores e coordenadores pedagógicos em exercício nas escolas públicas têm a garantia de não ganhar abaixo de R\$ 1.024,00 por mês. Este



valor se refere aos que têm formação em nível médio e cumprem jornada de 40 horas semanais. O desafio, agora é melhorar a formação dos docentes e incentivar a entrada de novos profissionais na carreira. A educação infantil também merece mais atenção daqui para frente. É preciso construir ainda mais creches e equipar melhor as que já existem, além de capacitar professores para atuar nessa etapa da educação.

Jornalista: Quais os principais desafios para o próximo governante do Brasil?

Presidente Lula: Os desafios são grandes, mas eu acho que a presidente Dilma Rousseff vai assumir numa situação muito melhor do que aquela que eu encontrei. Por duas razões principais: porque ao longo desses oito anos nós conseguimos construir os mecanismos de promoção do progresso com inclusão social e porque ela ocupou cargo-chave na administração, participando da elaboração das políticas vitoriosas e conhecendo profundamente a máquina pública federal. Quando cheguei, estava tudo por fazer e eu não tinha o domínio da máquina. Sabemos que ainda há um longo caminho a ser percorrido e o maior desafio é fazer mais e melhor do que já foi feito. Outros desafios serão reduzir a violência índices aceitáveis, encontrar as fontes de financiamento da saúde, ampliar ainda mais o número de escolas e de vagas nas escolas e investir pesado na qualidade do ensino. Estou convencido de que ela vai enfrentar e vencer todos os desafios, chegando a final do mandato com um País muito mais próspero e igualitário.

Jornalista: Quais seus planos a partir de 2011? E a ONU?

Presidente Lula: Não penso na ONU. Acho que se trata de um organismo que deve ser comandado por um funcionário de carreira, familiarizado com a burocracia e não por um político. Mas eu posso garantir que não vou vestir o



pijama. Isso não tem a menor chance de acontecer. Estou com muita energia e convencido de que, com a experiência que adquiri ao longo desses oito anos, tenho muito para contribuir com o meu País e com outros também. Pretendo voltar a percorrer o Brasil, como fiz com as caravanas da cidadania, entre 1991 e 1994. Dessa vez é para verificar e divulgar tudo o que mudou de lá para cá e também para anotar tudo o que ainda precisa ser feito. Pretendo também levar a nossa experiência no combate à fome e à miséria a outros países da África e da América Latina. São vários tipos de programas que adotamos, capitaneados pelo Bolsa Família, que nos ajudaram a dar uma boa caminhada no sentido da inclusão social. O *know how* desenvolvido por uma instituição de excelência como a Embrapa, que torna solos antes tidos como inférteis em grandes celeiros de alimentos, também pode contribuir para o progresso desses países. No relacionamento internacional, o ideal é que todos cresçam e com isso sejam fortalecidas as relações comerciais. Porque eu estou convencido de que não é necessário que um país perca para que outro ganhe. Considero que, além de injusta, é ultrapassada a antiga concepção de que um país só se torna forte se explorar, se sugar as riquezas de outros. Não há paz nem prosperidade possível, se um país vive cercado de carências e de situações conflitivas. O progresso só é efetivo quando há compartilhamento.